



Pinturas de Rubem Valentim e de Abdias do Nascimento. Exposição “Complexo Brasil”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2026.
Foto: Arquivo pessoal do autor

UM BRASIL DE COMPLEXIDADES

VITOR CRUBELLATTI
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: O presente ensaio analisa a exposição “Complexo Brasil”, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, nov./25 a fev./26). A partir da curadoria de José Miguel Wisnik, Milena Britto e Guilherme Wisnik, investiga-se como o conceito de “complexo” — operando tanto como adjetivo quanto como substantivo — estrutura uma narrativa decolonial sobre a arte brasileira. O texto destaca escolhas expográficas fundamentais, como a exibição horizontal do *Manto da Apresentação* de Arthur Bispo do Rosário e a interatividade dos Parangolés de Hélio Oiticica, confrontando a mostra com marcos históricos da curadoria internacional, como a exposição “Magiciens de la Terre” (1989). Conclui-se que a mostra propõe um “atravessamento” que recusa simplificações, incluindo o espectador na pluralidade identitária do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Arte brasileira; Complexo Brasil; curadoria; Fundação Calouste Gulbenkian.

ABSTRACT: This essay analyzes the exhibition “Complexo Brasil”, held at the Calouste Gulbenkian Foundation (Lisbon, 2025-2026). Curated by José Miguel Wisnik, Milena Britto, and Guilherme Wisnik, it investigates how the concept of “complex” — functioning as both an adjective and a noun — structures a decolonial narrative on Brazilian art. The text highlights key exhibition design choices, such as the horizontal display of Arthur Bispo do Rosário’s *Manto da Apresentação* and the interactivity of Hélio Oiticica’s *Parangolés*, while comparing the exhibition to historical landmarks of international curatorship, such as “Magiciens de la Terre” (1989). It concludes that the show proposes a “crossing” that rejects simplifications, including the spectator within Brazil’s plural identity.

KEYWORDS: Brazilian art; Complexo Brasil; curatorship; Calouste Gulbenkian Foundation.

De novembro de 2025 a fevereiro de 2026, a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, hospedou a exposição “Complexo Brasil”. Sob a curadoria de José Miguel Wisnik, Milena Britto e Guilherme Wisnik, a mostra reuniu cerca de 97 artistas dispostos em um vasto recorte temporal e ampla variedade de suportes, buscando compreender a formação do Brasil desde muito antes do que chamamos de descobrimento até os tempos atuais.

O título da mostra chama a atenção pela seleção do termo “complexo”. É uma escolha interessante, visto que busca explicitar as infindas, simultâneas e contraditórias perspectivas pelas quais o Brasil pode ser entendido e, fundamentalmente, vivido. A palavra “complexo” enquanto adjetivo, de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), diz respeito a algo que resulta da junção de vários elementos ou de várias partes ou, no sentido figurado, àquilo que é difícil de resolver ou fazer. Ao escolher este termo, a curadoria manifesta, antes de mais nada, que a exposição “Complexo Brasil” não pretende oferecer ao público

explicações prontas, simplistas e reducionistas do que foi (e é) o Brasil. José Miguel Wisnik (2025, p. 46), curador-geral da exposição, afirma que o que a equipe se propôs a realizar foi “oferecer e interrogar” de forma a convidar e desafiar o visitante “ao atravessamento, uma experiência de *brasis*”.

Além de atribuir a complexidade como adjetivo ao conceito de Brasil, a equipe curatorial também faz lembrar das várias faces do conceito de complexo enquanto substantivo. O Brasil, enquanto país de proporções continentais, integra em si próprio uma considerável variedade de elementos de uma mesma categoria: complexo de biomas, de etnias, de culturas, de lógicas, de línguas, de religiões, processos econômicos e de classes sociais. O curador-geral, sobre isso, aprofunda:

Enquanto substantivo, “complexo” se refere, ainda, a uma agregação de elementos heterogêneos e interligados. Em muitos sentidos, o Brasil é um complexo de biomas (floresta amazônica,

mata atlântica, cerrado central, caatinga nordestina, pantanal mato-grossense, pampa sulino), de etnias (um mosaico luso-branco, negro e indígena cruzado com imigrantes italianos, germânicos, judeus, eslavos, árabes e asiáticos que não se fecham em guetos), de culturas (orais e escritas, modernas, pós-modernas, tradicionais e ancestrais, que muitas vezes se atravessam), de lógicas (formas de pensar decorrentes da diversidade cultural, às vezes mutuamente interferentes), de línguas (quase três centenas de línguas indígenas vivas), de religiões (catolicismo tradicionalmente dominante, evangélicos em crescimento, religiões afro-brasileiras e de fundo indígena – candomblé, umbanda, macumba, catimbó, entre outras –, kardecismo, não sendo incomuns cruzamentos sincréticos e improváveis entre essas crenças), um complexo de processos econômicos (a décima economia do mundo) e de classes sociais

extremado pela desigualdade. Um adendo psicológico fundamental: o complexo de inferioridade e o de superioridade – síndromes que brasileiros e portugueses costumamos frequentar (Wisnik, 2025, p. 46).

De forma a corroborar com essa ideia, a curadoria inseriu na parte exterior da entrada da exposição dezenas de falas marcantes (de cunho positivo ou negativo) que retratam a complexidade de visões sobre o Brasil. É o primeiro contato que o espectador, curioso e instigado pelos pequenos lampejos que a parede de vidro entrega do interior da sala expositiva, tem com o denominado complexo Brasil.

De Tom Jobim a Martinho da Vila, de Mário de Andrade a Darcy Ribeiro: a pluralidade de visões acerca de um Brasil diverso e profundo demonstra ao espectador o que este poderia esperar da viagem na qual iria, em breve, embarcar.

Apesar da disposição das obras não seguir uma cronologia linear, nota-se uma expografia atenta a



Figura 1: Vista da entrada da exposição “Complexo Brasil”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, fevereiro de 2026. Curadoria de José Miguel Wisnik, Milena Britto e Guilherme Wisnik. Foto: Arquivo pessoal do autor

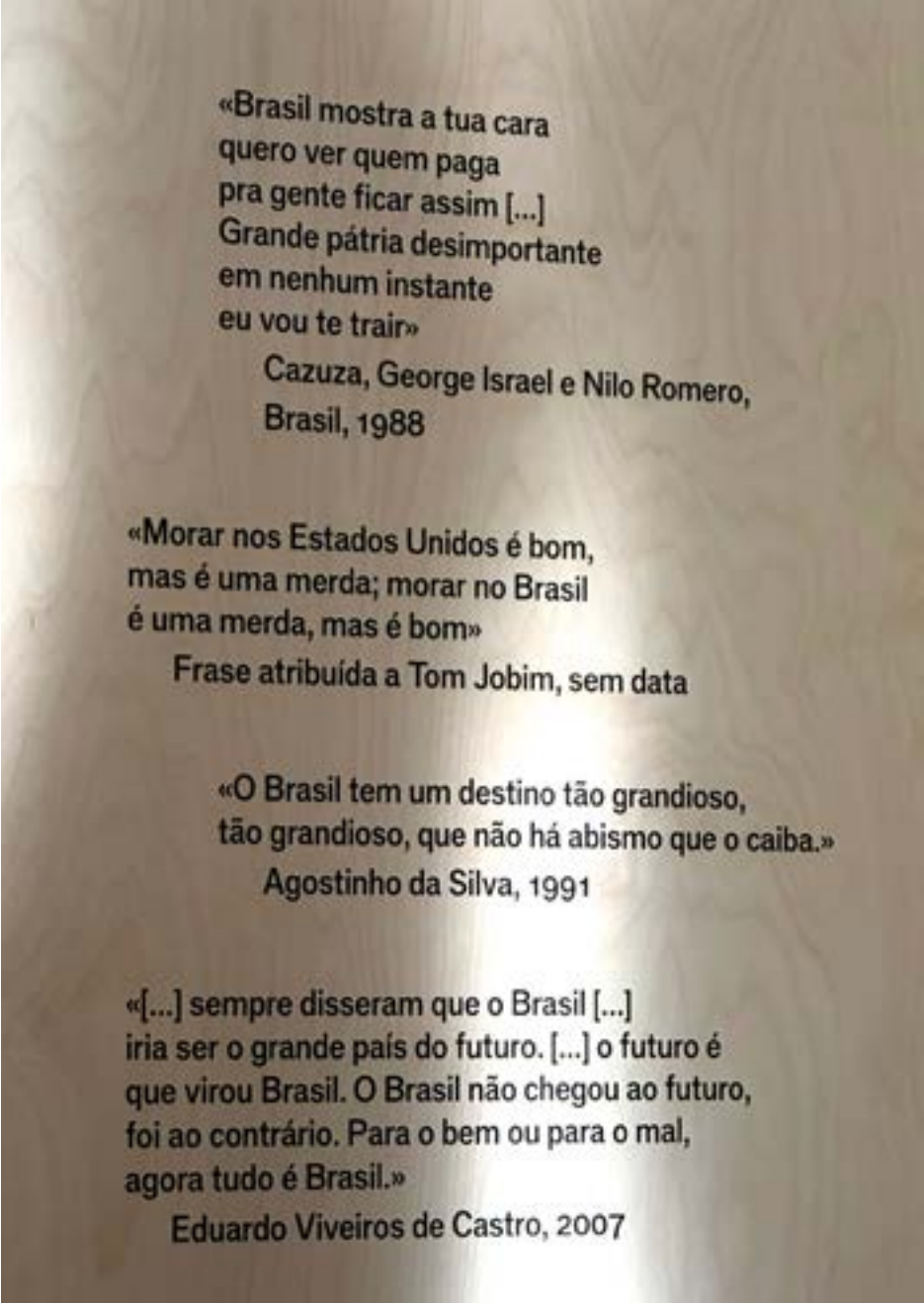


Figura 2:
Detalhe da entrada
da exposição
“Complexo Brasil”,
Fundação Calouste
Gulbenkian,
Lisboa, 2026.
Foto: Arquivo
pessoal do autor

diálogos entre objetos ritualísticos indígenas, fotografias, pinturas, vídeos e instalações dentro de um mesmo ambiente. É o caso do *Manto Tupinambá* – comissionado especificamente para a exposição e produzido pela artista Glicéria Tupinambá –, logo à entrada da mostra. Ele foi exibido entre uma videoinstalação do conhecido Manto Tupinambá devolvido ao Brasil pelo Museu Nacional da Dinamarca em 2024 e a icônica fotografia de Burle Marx coberto por duas folhas de orelha de elefante, como se as fizesse, também, de manto.

Um pouco mais à frente encontramos outro manto, desta vez, o *Manto da Apresentação*, de Arthur Bispo do Rosário. Confeccionado ao longo das décadas em que esteve internado na Colônia Juliano Moreira, o manto fora bordado interna e externamente com palavras e símbolos que sintetizam a profundidade de sua obra (Museu Bispo do Rosário, 2021). Enquanto a parte externa é toda composta com cordas e bordados de elementos coloridos, a parte interna guarda uma surpresa: foi inteiramente revestida

com retalhos brancos unidos por pontos imperceptíveis e preenchida com dezenas de nomes de pessoas queridas, escolhidas. Infelizmente, quase sempre que alguma instituição exhibe o manto, as equipes curatoriais parecem esbarrar nas dificuldades de apresentá-lo em sua totalidade, sem expor ambas as faces. Podemos tomar, por exemplo, a exposição “À Nordeste” (Sesc 24 de Maio, 2019), onde a peça foi exibida ao público numa espécie de pedestal vertical:

Não obstante, chama a atenção a forma como o manto de Bispo do Rosário foi exposto na exposição lisboeta. A equipe curatorial abandona o modelo vertical de exibição ao optar por horizontalizar a peça. Utilizando uma enorme caixa de vidro com um inteligente esquema de espelhos na parte inferior, a mostra “Complexo Brasil” traz aos olhos do público um importante elemento do manto: os nomes bordados à mão da parte interior.

Há, também, outros “mantos” expostos mais à frente: os *Parangolés* de Hélio Oiticica. As peças,



Figura 3: *Manto da Apresentação*, de Arthur Bispo do Rosário, na exposição “À Nordeste”, ocorrida em 2019 no Sesc 24 de Maio, São Paulo. Foto: Arquivo pessoal do autor



Figuras 4 e 5: Detalhes do *Manto da Apresentação*, de Arthur Bispo do Rosário, na exposição “Complexo Brasil”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2026. Foto: Arquivo pessoal do autor

acertadamente, estavam penduradas em cabides e disponíveis para manuseio do público. Ao lado delas, não apenas uma televisão exibindo os parangolés “em ação” – como se fossem um incentivo ao público para vesti-los –, mas também um aviso no chão: “Esta obra pode ser manuseada”.

A exposição também contou com outras obras de artistas brasileiros já bastante consagrados, como os baianos Caetano Dias e Rubem Valentim.

E também trouxe peças de Alfredo Volpi e das neoconcretistas Lygia Clark e Lygia Pape:

Destaca-se aqui, para concluir o piso superior, a seleção das obras de Mestre Didi para integrar a mostra. O renomado artista brasileiro, pouco mais de 36 anos antes, havia integrado a seleção de obras brasileiras expostas na mostra “Magiciens de la Terre”, ocorrida em Paris (Pompidou e Grande Halle de la Villette). A polêmica exposição de 1989 nos deixou algumas lições importantes: embora integrar a arte da periferia global aos grandes centros da arte seja, sim, uma necessidade, é



Figura 6: *Parangolés*, de Hélio Oiticica, na exposição “Complexo Brasil”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2026. Foto: Arquivo pessoal do autor



Figura 7: Delírios de Catharina, de Caetano Dias. Exposição “Complexo Brasil”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2026. Foto: Arquivo pessoal do autor



Figura 8: Pinturas de Rubem Valentim e de Abdias do Nascimento. Exposição “Complexo Brasil”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2026. Foto: Arquivo pessoal do autor



Figura 9:
Obras de Alfredo Volpi
e de Eleonore Koch.
Exposição “Complexo
Brasil”, Fundação
Calouste Gulbenkian,
2026. Foto: Arquivo
pessoal do autor



Figura 10: Obras de
Lygia Clark (Planos em
superfície modulada
nº 4), Hélio Oiticica
(Metaesquema) e Lygia
Pape (série Livro dos
Caminhos). Exposição
“Complexo Brasil”,
Fundação Calouste
Gulbenkian, 2026.
Foto: Arquivo pessoal
do autor

Figura 11:
Obras de Mestre Didi.
Exposição
“Complexo Brasil”,
Fundação Calouste
Gulbenkian, 2026.
Foto: Arquivo
pessoal do autor



fundamental compreender o contexto de tais obras ao distanciar-se de comparações descabidas (tudo deve ser contextualizado), repudiar a espetacularização e, especialmente, evitar regimes classificatórios que restrinjam as possibilidades interpretativas das produções não ocidentais. Fica evidente que a mostra “Complexo Brasil” fez sua lição de casa nesse aspecto, a começar por privilegiar uma curadoria 100% brasileira (em “Magiciens de la Terre”, por exemplo, todos eram franceses).

No piso inferior, a mostra reuniu, para além de algumas outras obras, diversos vídeos. O visitante é logo surpreendido após descer as escadas, ao se deparar com o belíssimo documentário *O Peixe*, do pernambucano Jonathas de Andrade. Mais à frente, uma sala ressoava a potente mescla entre a canção “Samba da Minha Terra”, de Dorival Caymmi, e a característica sonorização de atabaques e agogôs. Tal som, que ecoava para fora da sala que o reproduzia, atraía as pessoas de forma quase que magnética.

A exposição termina com diversos monitores exibindo rostos de brasileiros das mais diferentes cores e feições, destacando a pluralidade do povo brasileiro. De forma muito sutil e perspicaz, a curadoria dispõe esses monitores em uma enorme parede de espelhos, forçando o público a se olhar enquanto vê os rostos brasileiros e incluindo, de certa forma, o visitante a essa complexidade chamada Brasil.

REFERÊNCIAS

DPLP. “complexo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2026, <https://dicionario.priberam.org/complexo>.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO. *O Manto de Bispo*. Rio de Janeiro, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/o-manto-de-bispo/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

WISNIK, José Miguel (org.). *Complexo Brasil*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Companhia das Letras, 2025. 240 p. ISBN 978-989-589-098-9.

VITOR CRUBELATTI

Doutorando em Estudos da América Latina pela Universidade de São Paulo (USP) e em História da Arte pela Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). Mestre em Ciências da América Latina (USP) e bacharel em Economia pela UNICAMP. Investiga as dinâmicas centro-periferia na recepção da arte latino-americana em instituições europeias e norte-americanas, com foco em políticas culturais, curadoria e circulação internacional de obras.